

TESTEMUNHO DE ABRIL

————— Carlos Arinto

Um passado que nos oferece o futuro

I

A 25 de Abril de 1974 estava em Moçambique, a norte de Tete, a comandar um destacamento militar, na qualidade de oficial miliciano.

Zona de minas, era uma pequena elevação com três casas, antigo refúgio de padres ingleses, denominada “missão do Nazareno”.

Pelo menos era isso que nos tinha sido transmitido e que com o correr dos anos não foi desmentido.

A companhia de que fazia parte, ficou no Vuende, alguns quilómetros de distância para norte e noroeste. Para se chegar ao local da companhia (comandada por um capitão miliciano, de nome Paolo Cocco) tinha de se passar pela sede do batalhão em Furancungo.

A nossa missão era manter as picadas limpas de minas e conduzir em segurança a coluna de civis, em camionetas de caixa aberta, que faziam o abastecimento para norte daquele ponto, oriundos de Tete, os famosos cantineiros.

Para além do quartel eram os cantineiros que forneciam comida e bebida aos soldados, fora do rancho militar, onde se passavam boas tardes de convívio entre os desterrados, que não compreendiam porque estavam ali.

Os soldados que estavam comigo eram do norte, salvo dois ou três furriéis alentejanos, um açoreano e um cabo da Lisnave. Depois havia a tropa local, constituída por um pelotão de africanos. Ao redor do destacamento, uma aldeia de população africana, em suas tendas de colmo e cultivo de machambas.

A vida corria sem televisão, apenas rádio, sem telemóveis ou sistemas de comunicações diferentes do rádio telegrafista que ocupava quarto destacado no quartel. Tal como este, o enfermeiro e a sala de refeições eram tudo o que havia coberto com telha e zinco.

A cozinha dispunha de fogueira no chão e o frigorífico funcionava a petróleo. A água era levada de uma ribeira, situada a cerca de um quilómetro de

distância, sempre a descer, transportada em bidões (e guardada por um grupo armado de prevenção) onde insectos, pequenos óvulos de peixes e algum lixo davam uma cor acastanhada. Depois de fervida era potável e com ela se faziam as refeições.

Soubemos do 25 de Abril a 27, por notícias na rádio. Antes nada!

II

Antes de estarmos na guerra fizemos a tropa em Mafra, em Vendas Novas (Andrade da Silva), em Santa Margarida, em Tancos e em Gaia, onde formámos batalhão.

A minha opção pessoal tinha sido de fazer a guerra por dentro.

Jovens que haviam estudado comigo haviam fugido para a Bélgica, para França e para outros países de que não se tinha a certeza de qual fosse, por ausência de notícias. O mundo era muito diferente de hoje.

Em Mafra médicos, engenheiros e futuros professores foram meus colegas de incorporação e o alferes que nos dava iniciação militar era tão impróprio para a instituição como nós, que ali estávamos de contra vontade, mas a ver no que aquilo dava, empenhados em não disparar um tiro, se e quando mobilizados.

Falava-se abertamente e quase se tinha a sensação de que se estava nos corredores da universidade. O quartel era o convento de Mafra e a sua imponência retirava sentido a uma situação que estranhávamos e víamos com desconfiança.

Aquilo era um local de jovens abertamente contra a guerra, que aguardavam para ver se a mesma findaria antes da sua incorporação ou mobilização. Tudo se especulava e só os quadros militares de carreira pareciam acreditar que se vivia no melhor dos mundos.

Ninguém era apoiante do regime – na ocasião de Marcello Caetano – mas também não eram da oposição ou do contra. Éramos todos “de esquerda” porque líamos livros proibidos e queríamos “liberdade”.

Muitos de nós, havíamos participado no esboço de movimentos políticos, como o MUD ou a CEUD, onde algumas figuras preponderavam. Mário Soares era o mais conhecido.

Tinham muito sucesso as peças de teatro de autores russos, as piadas do Parque Mayer em que se sugeriam críticas ao governo e os escritores que se tinham por contrários ao regime. As vozes, contudo, eram contidas e faziam-se ouvir por canções – Adriano Correia de Oliveira e Zeca Afonso – e pela poesia dita por Mário Viegas.

Seguiam-se os movimentos culturais no estrangeiro: Woodstock e o Maio de 68. Os políticos: a invasão da Checoslováquia e a tomada de poder de Salvador Allende no Chile. Por cá nada se passava, apenas algumas “macacadas” com a polícia na universidade de Lisboa e em Coimbra. Expliquemos: pequenas revoltas, com a polícia de choque a correr atrás dos estudantes, onde se incluíam as comemorações do primeiro de Maio no Rossio que era local de concentração de todos os que se manifestavam desfavoráveis a um regime que se eternizava sem ir para lado nenhum.

Ir para o ultramar “fazer a guerra” era um destino tomado como garantido.

A apatia era quase geral e a discussão pública nenhuma. As “conversas em família”¹ faziam a oração do cinzentismo e a vacina para a revolta.

Todas as conversas giravam em torno deste destino e falava-se em “liberdade” e em fazer vida depois deste percalço. Pais e filhos viviam mais ou menos conformados, embora quando chegava a altura de “ir” muitos se recusassem e se tornassem refractários².

Ou desertores, porque já incorporados. Cantava-se Manuel Alegre e a “Trova do vento que passa”.

III

O que queríamos? Fazer a nossa vida, casar, ter filhos, acabar o curso, ter uma profissão e sermos felizes.

Queríamos conhecer mundo e sermos livres.

A isto se resumia o antes do 25 de Abril para os milicianos, estudantes e geração com vinte a trinta anos de idade. Não se podia discutir livremente

(1) Programa de reflexão de Marcelo Caetano, presidente do Conselho, sobre a política orçamental, económica e educativa do Estado português.

(2) Jovem que foi apurado para o serviço militar mas não se apresentou.

nada. Havia censura e livros proibidos. Havia estagnação e falta de comunicação entre os jovens. Havia um choque de gerações entre os que sempre tinham vivido no regime saído da ditadura salazarista e o que se via acontecer no mundo em evolução. Aqui a guerra era o destino e a solução para que algo pudesse ser diferente, inexistente.

IV

No meu caso particular, bem como dos companheiros que comigo estavam na “Missão do Nazareno”, o 25 de Abril foi confuso e sem explicação. Começou-se a falar em descolonização, em irmos embora, em regressarmos a Portugal Continental.

Nos primeiros meses nada mudou, depois iniciaram-se contactos com o “IN” e houve mortos no batalhão em Agosto de 74, num quartel a alguns quilómetros do sítio onde me encontrava.

O “meu” aquartelamento sofreu um ataque de morteiros em Maio, sem consequências, e as minas continuavam a aparecer nas picadas. Enquanto estivemos no mato nada se alterou.

Depois, ao recuarmos para Furancungo e posteriormente para Tete, participamos na “entrega do armamento aos soldados da Frelimo³, bem como dos diversos equipamentos que foram deixados para trás. Tudo! Carros, móveis, casas. Tudo.

Todos queríamos regressar.

V

E regressámos para mergulhar num “verão quente”⁴ cujos contornos nos deixavam atónitos e sem palavras. Era uma explosão de cores, sentimentos, excessos e coisas de que nunca tínhamos ouvido falar.

O tempo contorcia-se e expandia-se em direcção a algo que não era a nossa matriz.

Queríamos liberdade e os partidos agora no poder fechavam essa porta, afirmando que quem não estava com eles era contra eles e que – por isso, to-

(3) Frelimo era um dos movimentos armados moçambicanos.

(4) Designação por que ficou conhecido o conturbado período político português de 1975

dos esses, para além do epíteto de fascistas – deveriam ser eliminados. Afinal o princípio de todas as revoluções, tenham elas a configuração que se quiser atribuir.

Por essa incapacidade em perceber Portugal, o velejar rumo ao comunismo foi vencido e mais uma vez sem mortos.

VI

O que queríamos? Liberdade! Fosse isso o que fosse, que não sabíamos.

Discutir, falar, perceber, ter uma vida. Abril era a promessa, o sonho, a concretização de que era possível. Trabalho, casa, pão, viajar, ter filhos, conhecer e ganhar a saúde que nos diziam ser a coisa mais preciosa do mundo. Não passar os sacrifícios dos nossos pais e avós. Sorrir, gargalhar e ser feliz.

Abril era a possibilidade.

VII

Foi o movimento dos capitães que fez tombar um regime podre e sem futuro, gasto e comido por dentro, sem horizontes e velho como todas as imobilidades.

Agora era o povo, que mais ordenava. Foi assim até ser diferente, embora muitas conquistas fossem galope para a vida em comunidade, já não em África, mas na Europa. O povo queria justiça veloz e o fim das habitações degradadas. Queria luz, eletrodomésticos, livros, água canalizada, férias no estrangeiro e roupas da moda. Queria tudo e a tudo tinha direito.

Com a chegada das tecnologias e a abertura dos mercados, foi a explosão de consumo e do crédito a fazer crescer uma classe média ávida de saber, aventuras e regalias.

Abril foi também um retorno a África, mas em igualdade, em irmandade. Toda a vida se modificou e as pessoas mudaram-se dos territórios agrícolas para o litoral e para os serviços. Fizeram-se estradas e as comunicações foram uma realidade.

VIII

Cinquenta anos depois pensamos que o futuro ainda está em Abril.

Em 1974 fez-se a ruptura com o regime e lançaram-se as bases da nova relação entre todos os que constituem a nação, sejam novos ou velhos, trabalhadores, empresários ou intelectuais. Foi uma ruptura magnífica, serena e com um aparato teatral inovador. Os cravos nas espingardas.

Ressalve-se os quatro mortos pela PIDE ao tentar resistir às manifestações populares em Lisboa.

O 25 de Abril, iniciado pelos militares intermédios na escala da hierarquia, cedo se tornou numa revolução do povo que todos festejaram.

Otelo convenceu por ser um ícone, uma epopeia de Hollywood ao jeito do Super-Homem, do Batman ou do Homem-Aranha.

Muitos outros “se fizeram homens” pela acção concertada na tomada de posição, naquele dia glorioso de Abril, de há cinquenta anos. Não esquecemos Salgueiro Maia, um capitão decisivo e o seu exemplo posterior. Não esquecemos Ramalho Eanes, por motivos diferentes, quando a procissão já se tinha transformado em arraial, mas igualmente importante para aquilo que hoje somos.

Não esquecemos o lugarejo que éramos, para o centro do universo que somos.

Da ruralidade e do obscurantismo para a luz e a verdade.

IX

Duas gerações depois (tenho um neto com 27 anos de idade) que futuro para esta revolução, para esta mudança de regime, para este acontecer do amanhã?

Muita coisa mudou, mas muita outra terá de mudar.

E irá mudar, pois é do cerne das coisas não ficar imóvel.

Somos europeus com moeda única, mas não possuímos os mesmos rendimentos dos nossos companheiros de caminhada, além-fronteiras. Temos um empobrecimento progressivo pela ausência de condições de crescimento, cujas causas devem ser analisadas.

Demasiado uso das palavras com significados diferentes da sua essência, demasiada credulidade e aproveitamento político e social de um povo bom, cordato e religioso.

Se alcançamos a paz, a saúde, a habitação, o ensino e o trabalho estão longe de satisfazer a maioria dos portugueses. É preciso recordar Abril, para que o esforço de uma geração não tenha sido em vão.

Se o *flower power*, o amor livre e as utopias de 68 ou os oragos de Jean Paul Sartre e Simone de Beauvoir estão ultrapassados, outros desafios se nos apresentam.

Estamos de novo confrontados com a palavra “liberdade”.

Quando um povo, que nos é próximo, porque considerado europeu é invadido, temos de cerrar fileiras para que a escolha de ser livre e com vontade e autonomia próprias, sejam autênticas. Abril significa ousar, romper, ser solidário e fazer.

Abril não é a linguagem dualista e camuflada da “paz”, uma autofagia muito aconselhada nos festejos de uma opressão de uns poucos sobre muitos.

Outros desafios se “alevantam”. As condições climáticas, a poluição, a tecnologia, a energia limpa, a qualidade de vida activa, a qualidade do ensino e o respeito pelos professores, a melhoria da assistência médica preventiva e o acolhimento aos idosos em final de vida.

Muitas outras vertentes têm de ser analisadas e tornadas mais interessantes para os que hoje possuem a idade dos que em 1974 tinham vinte anos. No contrário é a emigração de quadros e de cérebros que se efectiva, como acontece em demasia na actualidade. Já não há que ir à guerra, mas há que fazer mais pelas populações que se sentem esmagadas pelo turismo e pela inflação. É viver melhor, num regresso à família, num regresso à cultura e ao conhecimento.

O que é que isto tudo possa querer dizer?

O que os jovens de hoje desejarem que seja, lutando por isso, erguendo a nossa presença na portugalidade para além do poucoquinho que tem sido face ao muito das alterações de forças no contexto do mundo. China, India, Brasil, Africa do Sul e Estados Unidos são lugares onde sempre estivemos e devemos continuar a estar, como diferente foi Abril de 74, diferente será o nosso contributo para um mundo melhor.

Abril terá de ser um farol. Um incentivo. Uma chama.

X

Abril será um marco histórico como muitos outros ao longo da nossa vida como povo e individualidade colectiva. Da fundação, à sucessão das dinastias, da morte do rei e à implantação da república, passando pela Restauração e pelo terramoto de Lisboa.

É natural e um pouco normal que os jovens ignorem o 25 de Abril. Eles são o hoje, consequência deste acto revolucionário e tesoro de ousadia e capacidade

de modificar a vida e o mundo em que se vivia. (autonomia e independência das colónias).

Pode-se explicar, mas o importante é o amanhã e a vida que renasce e se torna força, todos os dias.

50 anos depois da revolução de 1974, viva o 25 de Abril.